



ESTUDOS DE GÊNERO:

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PODER

Bruna Bejarano
Viviane Mocellin
(organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS

2020



ESTUDOS DE GÊNERO:

MUDANÇAS E
PERMANÊNCIAS
NAS RELAÇÕES DE
PODER

Bruna Bejarano
Viviane Mocellin
(organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS

2020

2020 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis
Edição de Arte: Bruna Bejarano
Revisão: Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editora Chefe:

Prof^ª Dr^ª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva:

Viviane Carvalho Mocellin

Organizadoras:

Bruna Bejarano

Viviane Carvalho Mocellin

Bibliotecário:

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^ª Dr.^ª Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^ª Dr.^ª Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^ª Dr.^ª Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^ª Dr.^ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^ª Dr.^ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^ª Dr.^ª Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^ª Dr.^ª Emilas Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros



Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E82 Estudos de gênero [recurso eletrônico] : mudanças e permanências nas relações de poder / Organizadoras Bruna Bejarano, Viviane Carvalho Mocellin. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-21-7

DOI 10.37572/EdArt_217281120

1. Igualdade – Gênero – Brasil. 2. Mulheres – Condições sociais.
I. Bejarano, Bruna. II. Mocellin, Viviane Carvalho.

CDD 305.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

A coletânea “**Estudos de gênero: mudanças e permanências nas relações de poder**” surgiu da sugestão de autores de variadas áreas do conhecimento que se dedicam à compreensão de como as relações de poder que se estabelecem socialmente entre “masculinidades” e “feminilidades” influenciam praticamente todos os aspectos da vida.

Dados do *World Economics Forum* (Forum Econômico Mundial), publicados em dezembro de 2019, demonstram que, globalmente, ao ritmo atual, serão necessários aproximadamente 100 anos para que se alcance a igualdade de gênero, que é um direito fundamental essencial para a consolidação dos Direitos Humanos. Por outro lado, os dados também apontam que a desigualdade é fator de atraso econômico e social, e que os países com maior igualdade de gênero são também os países com maior IDH: Islândia, Noruega, Finlândia e Suécia lideram a lista dos países com maior paridade.

No relatório, o Brasil aparece na 92^a no ranking global, e ocupa a 22^a posição entre os 25 países da América Latina e do Caribe. Ou seja, apesar dos avanços conquistados nas últimas décadas, ainda há um longo caminho a percorrer, razão pela qual decidimos coordenar a elaboração de um livro dedicado aos diversos modos como os papéis e características atrelados ao gênero ainda são fator de desequilíbrio no acesso à vida política, à participação econômica, ao direito à saúde e educação, enfim, ao lugar social das pessoas.

É uma honra para nós, da Editora Artemis, podermos presentear o leitor com uma coletânea com textos em português, espanhol e inglês, de autores de diversos países, incluindo Argentina, Colômbia, México e Peru, sobre como as práticas sociais que atribuem papéis e identidades distintos a seus diferentes membros estão ligadas às relações de poder e desigualdade.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Bruna Bejarano
Viviane Carvalho Mocellin

SUMÁRIO

CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

CAPÍTULO 1 1

PERFORMATIVITY AND SEXUAL DIVERSITY IN CONTEMPORARY COLOMBIAN TELEVISION

[William Alexander Medina Mendez](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811201

CAPÍTULO 2 21

VIOLENCIA DE GÉNERO EN LA WEB: REPRESENTACIONES DE INVISIBILIZACIÓN DE LAS MUJERES INMIGRANTES EN ESPAÑA

[Osbaldo Turpo Gebera](#)

[Rocío Marivel Díaz Zavala](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811202

CAPÍTULO 3 39

VIOLÊNCIAS CONTRA LAS MUJERES EN LAS RELACIONES DE PAREJA EN MÉXICO

[Ignacio Medina Núñez](#)

[Adriana Medina Villegas](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811203

CAPÍTULO 4 67

IDEALES NORMATIVOS Y DESAFÍOS REALES DEL ACCESO A LA JUSTICIA PARA LAS MUJERES VÍCTIMAS DE VIOLENCIA

[Carolina Stivala Loza](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811204

CAPÍTULO 5 83

DIREITOS TRANSGÊNEROS E DESPATOLOGIZAÇÃO: QUAL É A RELAÇÃO?

[Beatriz Pagliarini Bagagli](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811205

CAPÍTULO 6 95

HIGIENIZANDO MERETRIIZES: TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE UM MANUAL DE CONDUTA SANITÁRIA PARA CASAS DE PROSTITUIÇÃO (1839)

[Heloísa Raquel da Silva](#)

[Christian Fausto Moraes dos Santos](#)

[Gessica de Brito Bueno](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811206

(DES)IGUALDADE DE GÊNERO E O MERCADO DE TRABALHO

CAPÍTULO 7 104

MUJERES PERIODISTAS EN GUADALAJARA. ENTRE LA PRODUCCIÓN DE LA NOTICIA Y LAS CUESTIONES DE GÉNERO

[Elvira Hernández Carballido](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811207

CAPÍTULO 8	115
INSERCIÓN DE MUJERES EN POSICIONES JERÁRQUICAS EN FUERZAS DE SEGURIDAD	
María Eugenia San Martín	
DOI 10.37572/EdArt_2172811208	
CAPÍTULO 9	128
LAS MUJERES EN LA RURALIDAD DE LAS COMUNIDADES ORIGINARIAS DE 25 DE MAYO, SAN JUAN, ARGENTINA	
Gabriela Tomsig	
Enzo Aciar	
Gabriela Carabajal	
DOI 10.37572/EdArt_2172811209	
EDUCAÇÃO PARA A CONSCIÊNCIA E A IGUALDADE DE GÊNERO	
CAPÍTULO 10	135
LA INVESTIGACIÓN APLICADA; UNA ALTERNATIVA PARA LA GENERACIÓN DE CONOCIMIENTO EN EL ABORDAJE DIDÁCTICO DEL GÉNERO	
Juan Manuel Guel Rodríguez	
DOI 10.37572/EdArt_21728112010	
CAPÍTULO 11	152
MUJERES DIALOGANDO: COMUNICACIÓN PARTICIPATIVA COMO DISPARADOR PARA LA TOMA DE CONCIENCIA	
Diana López Magaña	
DOI 10.37572/EdArt_21728112011	
EMPODERAMENTO FEMININO	
CAPÍTULO 12	161
AGROECOLOGIA E EMPODERAMENTO FEMININO NO CONTEXTO DA FEIRA DE BASE AGROECOLÓGICA-CULTURAL DA UFPI	
José Renan Nunes de Oliveira e Silva	
Marlúcia Valéria da Silva	
DOI 10.37572/EdArt_21728112012	
CAPÍTULO 13	168
FUTEBOL FEMININO E PEÇAS PUBLICITÁRIAS: ANÁLISE DE CAMPANHAS PUBLICADAS DURANTE A COPA DO MUNDO DA FIFA EM 2019	
Carolina Bortoleto Firmino	
Érika Alfaro de Araújo	
DOI 10.37572/EdArt_21728112013	
CAPÍTULO 14	182
EMPREENDEDORISMO FEMININO: PERFIL DE MULHERES EMPREENDEDORAS DE SINOP/MT	
Elda Lopes de Queiroz	
Michele Jackeline Andressa Rosa	
Angela Ester Mallmann Centenaro	
DOI 10.37572/EdArt_21728112014	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	201
ÍNDICE REMISSIVO	202

AGROECOLOGIA E EMPODERAMENTO FEMININO NO CONTEXTO DA FEIRA DE BASE AGROECOLÓGICA-CULTURAL DA UFPI

Data de aceite: 02/11/2020

Data de submissão: 10/09/2020

José Renan Nunes de Oliveira e Silva

Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro
Petrônio Portella
Teresina-PI

<http://lattes.cnpq.br/9746141904851195>

Marlúcia Valéria da Silva

Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro
Petrônio Portella
Teresina-PI

<http://lattes.cnpq.br/1081387367108030>

RESUMO: Artigo proveniente de investigação junto ao Projeto de Extensão Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI, Brasil. Tem por objetivo delinear as relações engendradas e impactos desencadeados pelas práticas agroecológicas sobre a condição de gênero de mulheres rurais, nas relações sócio-políticas travadas. Partindo da revisão de literatura, a hipótese lançada é que a agroecologia, enquanto ciência e prática social complexa, pode se constituir em ambiente favorável ao enfrentamento das desigualdades de gênero, concorrendo para o empoderamento feminino. A revisão de literatura e a entrevista grupal foram

escolhidas como estratégias mais profícuas para a construção coletiva do conhecimento e colimação do objetivo proposto. Evidencia-se que as mulheres rurais participantes do trabalho percebem a relevância da agroecologia e que as práticas agroecológicas já provocam alteração positiva em suas vidas. Fica claro também que a situação de gênero é processual, carecendo de avanços cotidianos.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas agroecológicas; desigualdades de gênero; mulheres; Extensão Universitária.

AGROECOLOGY AND FEMALE

EMPOWERMENT AT THE FEIRA DE BASE AGROECOLÓGICA-CULTURAL DA UFPI

ABSTRACT: Article from research in the Extension Project Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI, Brazil. It aims to delineate the engendered relations and impacts triggered by the agroecological practices on the gender condition of rural women, in the social-political relations. Based on the literature review, the hypothesis is that agroecology, as a complex social science and practice, may constitute a favorable environment to approach gender inequalities, contributing to women's empowerment. The literature review and the

group interview were chosen as the most useful strategies for the collective construction of knowledge and collimation of the proposed goal. It is evident that rural women participating in the work realize the relevance of agroecology and that agroecological practices already cause positive changes in their lives. It is also clear that the gender situation is procedural, requiring daily advances.

KEYWORDS: Agroecological practices; gender inequalities; women; University Extension.

INTRODUÇÃO

A literatura denota que o termo Agroecologia começou a ser utilizado nos estudos de agricultura por volta de 1970, aportando princípios divergentes do manejo da produção convencional do campo baseado no uso de venenos, na racionalização absoluta e na aceleração da produção, o qual passou a ser conhecido como Revolução Verde. Configurando-se como um “[...] enfoque teórico e metodológico que, lançando mão de diversas disciplinas científicas, pretende estudar a atividade agrária sob uma perspectiva ecológica [...]” (CAPORAL & COSTABEBER, 2004, p.12), a Agroecologia considera toda a complexidade do real, realçando, na sua abordagem, as ideias de respeito à cultura e ao conhecimento tradicional, liberdade, justiça social e proteção ambiental. Conforme delineada, a Agroecologia vem contribuindo para a construção de análises complexas sobre os sujeitos e dinâmicas do meio rural, revelando-se como um aporte fundamental para a percepção diferenciada de realidades a serem transformadas.

Muito embora a sociedade capitalista como um todo esteja assentada na lógica da desigualdade, é no espaço rural onde se percebe a materialização daquelas mais inquietantes, dentre elas, a de gênero. Predominando o modelo hierárquico patriarcal, onde “[...] os homens mandam e as mulheres trabalham muito em atividades produtivas e reprodutivas [...]” (OLIVEIRA, 2016, p. 27), nos grupos rurais as mulheres ocupam lugares de invisibilidade e de submissão. O patriarcado, então, se (re)afirma e se perpetua pelo mecanismo da inferiorização desses sujeitos, que normalmente naturalizam sua condição de dependente de outrem. Nesse contexto, o movimento feminista, ora organizado dentro do movimento agroecológico, surge como alternativa de luta das mulheres que cotidianamente sofrem diversos tipos de violência e negação de direitos, entendendo a necessidade, para sua libertação, de uma “profunda mudança de todas as estruturas das quais elas participam, e uma ‘*unité de rupture*’, ou seja, a descoberta, pelo movimento revolucionário, do elo mais fraco na combinação” (SAFFIOTI, 2011, p. 96, itálicos da autora).

A internalização das práticas/vivências da agroecologia orientando a postura assumida diante da produção e da vida tem possibilitado uma transformação neste cenário, onde a mulher não mais aceita sua até então condição de dominada e toma a frente de diversos espaços e discussões que lhes eram negados. Esse modo de viver vem, antes de tudo,

subsidiando o reconhecimento das mulheres como sujeitos políticos, cidadãs, fazendo-as conduzir-se como donas que são de sua própria história, pois “[...] o lugar ocupado pela mulher na sociedade é também determinado pelo seu lugar na família” (OLIVEIRA, 2016, p. 14).

Ao fim do estudo, pretendemos estabelecer relações entre as contribuições da agroecologia e das suas práticas para o empoderamento dos sujeitos mulheres rurais que participam da Feira UFPI, verificando também a consolidação de um dos principais objetivos do Projeto de Extensão aludido, o de “[...] ampliar a produção e geração de renda dessas mulheres, contribuindo para a melhoria das condições de vida em cada comunidade rural, além de somar para o empoderamento feminino nas relações de gênero experimentadas em cada local” (SILVA, 2016, p. 11). O sentido de empoderamento aqui trabalhado “equivale, num nível bem expressivo do combate, a possuir alternativa(s), sempre na condição de categoria social” (SAFFIOTI, 2011, p. 114).

METODOLOGIA

Partimos da compreensão que o conhecimento é coletivamente construído e que cada sujeito intervém no mundo a partir das sínteses que elabora no contexto das relações estabelecidas com sua realidade complexa de vida. Assim, a escolha da metodologia privilegiou a possibilidade das mulheres rurais se manifestarem livremente, sentindo-se confortáveis em falar das suas próprias vivências enquanto produtoras rurais, enquanto mulheres, cidadãs e políticas, colocando-se como co-construtoras daquilo que trazemos neste texto. Também nos conduzimos de modo a causar a menor interferência na dinâmica de construção das informações, a fim de que pudéssemos acessar as narrativas o mais próximas possível das experiências de cada uma das mulheres.

As técnicas escolhidas foram a revisão de literatura e a entrevista coletiva. A primeira acessada para maior elucidação da problemática abordada (LUNA, 1998), recaindo especialmente acerca de duas categorias teóricas fundamentais: agroecologia e gênero. A segunda, a entrevista grupal, foi escolhida por se mostrar com maiores possibilidades de potencializar a apreciação da questão pelos sujeitos; tanto porque enseja a participação simultânea de mulheres de todas as comunidades membros do projeto de extensão, quanto porque entendemos que a dinâmica grupal gera uma sinergia própria da interação entre os sujeitos, nunca alcançada quando da realização de entrevistas individualizadas (GASKELL, 2002). As trocas de informações entre as mulheres, a identificação de problemas e atitudes comuns, a circularidade das emoções podem estabelecer um contexto de construção de conhecimento que supera a mera racionalidade individual, trazendo também para análise componentes dos construtos que orientam a ação coletivamente construída pelas mulheres rurais participantes do presente trabalho.

Para suscitar o debate, apresentamos tópico acerca do entendimento que tinham da

agroecologia e tópicos abordando o impacto exercido pelas práticas de cada uma delas no âmbito da agroecologia (horta, feira, eventos agroecológicos diversos) na assunção de posições mais empoderadas.

A entrevista foi realizada no contexto de uma das feiras regulares, sendo tomadas as medidas necessárias para o bom andamento da mesma. Para compor o grupo a ser entrevistado convidamos uma mulher rural de cada localidade, quais sejam: Povoado Ave Verde, Povoado Soim, Assentamento Vale da Esperança, Projeto Casulo Alegria e Comunidade Serra do Gavião.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

É certo que a relação entre gênero e agroecologia pode ser, a princípio, de difícil entendimento por grande parte das pessoas, tendo em vista que a própria interpretação do termo agroecologia surge equivocada em grande parte dos casos. Contudo, não resta dúvida de que os dois conceitos estão intrinsecamente ligados. A agroecologia “[...] estabelece as bases para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável [...]” (CAPORAL & COSTABEBER, 2004, p. 6-7), e, “[...] para alcançá-lo, é necessário romper as estruturas que reproduzem e mantem as desigualdades, tanto no interior dos sistemas familiares, quanto em outros níveis da organização social agrária [...]” (BARBOSA, 2004, p. 25), colocando as mulheres como as principais beneficiadas nesse resultado, já que são as mais prejudicadas no modelo de sociedade patriarcal e, no Brasil, são a maior presença nas atividades agroecológicas.

“*Cansei de ser domesticada, quero andar com os próprios pés [...]*”. O trecho dessa canção de autoria do Movimento dos Pequenos Agricultores retrata o desejo de muitas dessas mulheres, que cansadas de ter seus direitos e identidades cerceados e limitados, sonham em romper com a dominação masculina fortemente enraizada no campo. Destarte, no que respeita ao gênero, a Agroecologia traz contribuições que vão “[...] muito além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônômicos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade [...]” (CAPORAL & COSTABEBER, 2004, p.13) do planeta e do convívio humano liberto de desigualdades.

A partir da entrevista grupal com mulheres das comunidades e assentamentos que integram o projeto de extensão “Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI”, foram construídas algumas informações acerca da percepção tida da agroecologia, bem como das transformações ocorridas em suas vidas, possibilitadas pelas práticas no âmbito de hortas, eventos e feiras agroecológicas, as quais contribuíam para que pudessem assumir posições de empoderamento em suas relações familiares, comunitárias e na sociedade

de um modo geral. A primeira reflexão que se coloca é que parte das entrevistadas, de início, não conseguiu perceber algumas das transformações ocorridas em suas vidas após a convivência com a agroecologia. Entretanto, com o decorrer da conversa e a interação grupal, acessaram fatos e situações envolvendo sua condição de mulher rural agroecológica e sua condição de sujeito ativo, evidenciando a potência da metodologia empregada. Quando indagadas sobre o sentido da agroecologia, encontramos que ainda se sobrepõe especialmente a noção da saúde, como evidencia Isaura, seguidos de liberdade, conhecimento, independência financeira, sociabilidade.

Na minha família o meu pai morreu com CA [câncer]. A minha mãe tá com começo de Alzheimer, e tudo isso acho que é a influência da má alimentação, aquele aperreio. Apesar da minha mãe ter sido criada na roça, meu pai na roça, mas não deixa de não ter ingerido alguma coisa aí que tenha facilitado o desenvolvimento do câncer dele né, do mal de Alzheimer da mamãe. E a agroecologia, como eu tenho gastrite, eu me senti muito melhor depois que eu abominei certas coisas [...] (Isaura, 2018).

A agroecologia, em consonância com a Feira, representa também liberdade, conhecimento e novas sociabilidades que concorrem para a construção de novos lugares de subjetividade feminina. Outra entrevistada afirmou que agora, com o conhecimento adquirido através da participação nas Feiras, as práticas agroecológicas, e após o divórcio, ela experimenta a sensação de ter mais liberdade de expressão, e até mesmo de ir e vir, de autonomia, endossando os achados de Oliveira (2016) quando afirma que a “[...] tradição patriarcal que organiza este cotidiano nega às mulheres a possibilidade de exercerem um princípio fundamental de ser sujeito: a liberdade de ir e vir” (p. 30). A narrativa da entrevistada traz que

Antes eu não tinha liberdade, eu não tinha liberdade de expressão, eu não tinha direito de sair, e depois que eu fiquei sozinha eu saio pra onde eu quero, eu chego na hora que eu quero, **eu decido o que eu quero e o que eu não quero**, vou trabalhar, que antes eu não ia [...], e essa Feira aqui é maravilhosa, é tudo. É uma escola pra gente (Laura, 2018, grifos nossos).

A entrevistada segue narrando que sua própria decisão de encerrar um casamento não satisfatório se deu neste contexto de trabalho com as práticas agroecológicas, onde tomou coragem para passar a viver sozinha e usufruir dos direitos e liberdades que aos homens já são franqueados desde sempre. Outra mulher reconhece que na sua família as relações já estão bem avançadas, onde todos fazem trabalhos de casa, independente do gênero. Esta realidade a oferece uma melhor condição, em vista de isentá-la um pouco mais da carga do trabalho doméstico, majoritariamente responsabilidade única da mulher da casa.

Discutindo outro aspecto, as mulheres apontaram o fim da dependência financeira, identificando a importância de tal realidade na condução de uma vida autônoma, que aponte para o empoderamento feminino: “se eu precisava de dez reais eu tinha que ficar pedindo meu marido né, e agora eu vou pedir pra quem? Pra mim mesma” (Luísa, 2018). Embora de alta relevância, a redefinição da situação financeira das mulheres ainda é

insuficiente para sua presença autônoma no mundo. Compreendemos que para produzir e/ou viver de maneira mais saudável e sustentável, para o planeta e para as pessoas, precisamos avançar. Impõe-se também a construção e cultivo de afetos, de vínculos, de respeito mútuo. É pensar, viver e trabalhar de maneira sistêmica, entendendo a complexidade da vida e das relações que nela se verificam, é ser capaz de entender a totalidade e de nela localizar as particularidades, num movimento dinâmico, conforme explicam as entrevistadas:

Não só o dinheiro né, [é também] o conhecimento. A gente tem conhecimento com as pessoas, as pessoas conhecem a gente. Teve uma feira que eu não fui, tava muito gripada e não fui. Pois teve gente que disse assim: “Eu senti falta de você, essa mesa não tava completa”. (Luísa, 2018, acréscimos nossos);

Todos nós que fazemos parte da Feira, nossa perspectiva é essa aí de ir sempre em frente, conseguir a liberdade, conseguir andar com seus próprios pés. Coisas melhores cada dia mais, cada tempo que passar, a gente conquiste mais coisas boas pra gente, né? Não só pra uma comunidade ou pra duas, mas pra todas que fazem parte da Feira. (Laura, 2018)

Os sentidos trazidos nas narrativas apontam que a agroecologia, quando praticada complexamente, levando em conta todos os aspectos implicados na convivência humana, tem o poder de transformar as relações em todas as dimensões, inclusive, quanto ao lugar que as mulheres ocupam. Possibilita às mesmas fazer novas leituras de si e dos processos que vivenciam, permitindo-se ocupar novos lugares socioculturais de maior potência.

Entretanto, não obstante os avanços evidenciados na direção da liberdade, equidade, relações de gênero mais justas e igualitárias, tal realidade mostra-se processual, onde “[...] as possibilidades de construção da cidadania e emancipação das mulheres ainda são muito restritas” (OLIVEIRA, 2016, p. 29). A naturalização da atitude dos maridos e/ou filhos *ajudarem* nas tarefas domésticas ou no trabalho da horta, por exemplo, desresponsabilizando-os da divisão igual do trabalho e incumbindo-se da realização da maior parte das tarefas ainda se manifesta em suas vidas, como encontramos junto a uma das entrevistadas: “[...] Toda vida sempre eles [os filhos] me ajudaram, não vou mentir.” ou “porque se não fosse ele [marido], eu não conseguia, sabe? Eu não consigo fazer tudo só.” (Luísa, 2018). A narrativa traz para consideração que os avanços galgados pelas mulheres ainda são marcados por importantes percalços que precisam ser superados, rumo a maior assunção de suas subjetividades ativas.

CONCLUSÕES

Com base nas informações construídas é possível apontar a relevância da agroecologia enquanto ciência/prática que possibilita o desenho de um novo projeto societário. Pelas informações construídas vimos que a agroecologia empodera sujeitos,

reconstrói histórias, nutre afetos, fortalece relações. Na experiência analisada observamos que a transformação proporcionada por esse modelo alcança todos os níveis da vida humana: a esfera da produção, do consumo, das relações, colocando em cena sujeitos antes esquecidos, neste caso as mulheres, que dentro da hierarquia familiar encontram-se em posição inferior, desprestigiadas, reféns da boa vontade das figuras masculinas que tradicionalmente lideram o grupo familiar.

A fala das entrevistadas mostra a importância da agroecologia – e nesse âmbito a Feira UFPI – em suas vidas, ressignificando-as, garantindo a efetivação de direitos fundamentais e subsidiando o sentimento de maior autonomia, hoje já experimentado por elas.

Ao fim do trabalho, conclui-se que a agroecologia tem provocado a consciência da problemática de gênero, tem modificado alguns importantes contextos, conferindo à mulher a oportunidade de se colocar de maneira mais empoderada nas relações que trava, o que se mostra como importante conquista. Entretanto, a partir das entrevistadas, fica claro que a questão da desigualdade de gênero na complexidade em que se apresenta no campo permanece como questão a ser enfrentada cotidianamente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. S. **Agroecologia e gênero: a construção de um 'Novo Horizonte' em Araponga – MG**. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa). 2004. Disponível em: http://orgprints.org/17362/1/Barbosa_UFV_2004.pdf.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 24 p. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA. 2004.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER; MARTIN, W; e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Editora Vozes. 2002. p. 64-89.

LUNA, S. A revisão de literatura como parte integrante do processo de formulação do problema. In: _____. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução**. São Paulo, EDUC. 1998. p. 80-103.

OLIVEIRA, M. de. L. S. **Mulheres na liderança, relações de gênero e empoderamento em assentamentos de reforma agrária: o caso do Saco do Rio Preto em Minas Gerais**. (Tese de Doutorado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). 2016. Disponível em: http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2006%20d_maria_de_l_souza_oliveira_2006.pdf

SAFFIOTI, H. I. B. Não há revolução sem teoria. In: _____. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo, Grafium Editora/Fundação Perseu Abramo. 2011.

Silva, V. **Projeto de Extensão Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI**. Teresina: PREX UFPI. 2017. mimeo.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

BRUNA BEJARANO - Bacharel em Ciências da Comunicação - Jornalismo (2012) e Bacharel em História da Arte (2018), ambos pela Florida International University (Miami) e Mestre em Educação para as Artes pela Florida University (Gainesville). Tem mais de 10 anos de experiência profissional como comunicadora de massa, apoiando e coordenando uma ampla variedade de atividades relacionadas à mídia e marketing em empresas como Baptist Health South Florida, Grupo KSG, GMG Marketing Company, Museu Rubell e Borboleta Music. É Diretora de Criação da Coffee Table Productions e Editora de Arte da Editora Artemis.

VIVIANE CARVALHO MOCELLIN - Mestre em Engenharia da Produção com ênfase em Recursos Humanos e Psicologia Organizacional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Especialista em Gestão Industrial (UTFPR). Graduada em Psicologia (Universidade Internacional da Flórida), Direito (PUC-PR) e Letras Português-Inglês (UTPR). Atualmente, é sócia-administradora da empresa Mocellin Assessoria Pedagógica Ltda. e Editora Executiva da Editora Artemis.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acceso a la justicia 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 81, 82
Agricultura familiar 128, 129
Audience 1, 2, 6, 7, 14, 16, 19

B

Biological determinism 3, 4

C

Campanhas publicitárias 168, 174, 175, 179
Casas de prostituição 95
Conduta sanitária 95
Copa do mundo de futebol feminino 2019 168
Corpo feminino 95, 97, 98, 101, 103, 169
Cultural industry 6

D

Derecho 27, 29, 46, 49, 55, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 81, 82, 106, 122
Derechos civiles y políticos 71
Desigualdades de gênero 161
Despatologização 83, 86, 89, 90, 92, 93, 94
Diálogo 148, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 191
Dimensões sociais do esporte 168, 170, 180
Direitos transgêneros 83
Discurso informativo 21, 31

E

Educación 30, 65, 66, 73, 104, 106, 127, 132, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 145, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160
Educación no formal 148, 152, 153, 154, 155, 158, 159
Empoderamento 161, 163, 164, 165, 167, 179, 180
Empreendedorismo feminino 182, 183, 186, 198, 199
Equality 3, 136
Estructura agraria 129
Extensão universitária 161

F

Fuerzas de seguridad 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122

Futebol feminino 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180

G

Gender 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 45, 65, 82, 83, 93, 94, 115, 127, 136, 161, 162

Generación de conocimiento 135, 138

Género 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 46, 47, 50, 59, 64, 65, 66, 67, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 157, 159

Gênero 2, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 102, 150, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 180, 181, 185, 189

Gestão feminina 182, 188

I

Igualdad de género 41, 42, 44, 46

Inequality 4, 7, 11, 45, 65, 82

Investigación aplicada 135, 138, 151

Invisibilización discursiva 21

M

Marginalidad informativa 21

Medicina 83, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 97, 98, 101, 102, 103, 169

Mujeres 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160

Mujeres víctimas 30, 35, 65, 67, 77, 79

Mujer inmigrante 21, 23, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

Mulheres 87, 88, 90, 97, 98, 102, 152, 153, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Mulheres empreendedoras 182, 183, 184, 186, 187, 188, 194, 195, 196, 198, 199

P

Participación ciudadana 152, 154, 155, 156, 159

Performativity 1, 2, 4, 5, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 19
Periodismo 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 113, 114
Periodistas 35, 36, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113
Posiciones jerárquicas 115, 116, 119, 121, 124
Práticas agroecológicas 161, 165
Pueblos originarios 129, 133

R

Regulation of bodies 8

S

Saúde 83, 85, 86, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 165, 169, 170, 171, 191, 195, 196
Sexual diversity 1, 2, 5, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19
Social construction 3, 4
Stereotypes 1, 2, 5, 7, 11, 136

T

Television 1, 2, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
Toma de conciencia 23, 41, 59, 62, 81, 131, 148, 152, 153, 154, 155, 159
Transgeneridade 83

V

Vida en pareja 39, 47, 62
Violencia de género 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 46, 59, 64, 66, 73, 79, 117, 141, 148, 151, 154
Violencia familiar 39, 47, 48, 50, 54, 64, 66, 78, 82



**EDITORIA
ARTEMIS
2020**